



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

UMA POÉTICA DA COMUNICAÇÃO:

HERMES, ANJOS E RUÍDO¹

Gerson Dudus

Faculdade de Filosofia de Campos/RJ
Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (Macaé/RJ)

RESUMO: O trabalho faz uma primeira aproximação a três dos conceitos criados por Michel Serres, dentre as mais de vinte obras que produziu até o momento. Estes conceitos se vinculam a algumas preocupações na área da Comunicação, que poderiam ser enfeixadas no que chamo de Poética da Comunicação.

Poética é produção, uma certa maneira de fazer singular. Hermes, o ruído e os anjos são os três conceitos que enformam este texto. A importância da contribuição de Serres ao pensamento comunicacional é que ele aprofunda o conceito de comunicação, já que sua obra faz a mediação entre os vários lugares de conhecimento. Ele transita e mescla, faz mestiçagem, hibridações entre Ciência Exata, Humana, Arte e Filosofia.

“Os fluidos, a maior parte dos seres vivos, as comunicações, as relações, nada disso tudo é duro. Frágil, disperso, fluido, prestes a desaparecer à primeira lufada de vento(...)o que procuro formar, compor, promover, não encontro a palavra certa – é uma síntese e não um sistema, um confluente móvel de fluxo.”¹

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Que sinal dos tempos, que
para criticar cruelmente uma
obra afirme-se a respeito dela
que é somente poética!
Poesia em grego, significa
fabricação, criação”²

1. Introdução

O presente estudo faz uma introdução ao pensamento comunicacional de Michel Serres, pensador francês contemporâneo. Ele dedicou parte do seu trabalho ainda em curso a uma criação de conceitos inovadores no campo da comunicação.

O pensamento de Serres é transdisciplinar, como a própria comunicação. Serres é um pensador da deriva, que se firmou dentro das ciências ‘duras’, passou pela epistemologia, chegou à filosofia e trabalha nas conexões e hibridações entre cada área. Propõe uma abordagem em que ciências exatas, humanas e arte possam se tocar e criar conhecimento de maior amplitude e profundidade: “Mestiçagem, eis o meu ideal de cultura. Branco e preto, ciências e letras, monoteísmo e politeísmo, sem ódio recíproco, em prol de uma pacificação que eu desejo e pratico.”³

Este trabalho é uma primeira aproximação ao autor, visando maior familiaridade para um projeto de pesquisa de mestrado a ser desenvolvido com este tema. Os motivos que me trouxeram até Serres são também motivações subjetivas: Ele tem uma história de errâncias no conhecimento, de viagens como marinheiro. E minha família não parava num lugar por mais de três anos, entre infância e adolescência. Minha deriva no conhecimento passa pela Medicina, pela Teologia até chegar à Comunicação Social, com uma inserção autodidata na Literatura. Serres acredita que o conhecimento se



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

constitui na integração dos lugares de conhecimento. E essa é uma crença também para mim. O nome que recebi vem do hebraico ‘gershom’ e significa ‘peregrino, errante, estrangeiro’. Tornar o nome um destino ou enredo.

2. Justificativa

“Nossa reflexão incide sobre esse momento fugaz em que a cultura, os valores, os desejos e as fragilidades que habitam a vida social e a existência concreta dos homens tomam formas, são recriados, modificados(...) se convertem em modelos, retornam enquanto novas imagens, refletem nos comportamentos e nos corpos – e assim sucessivamente.”⁴

Lucien Sfez, no “Crítica da Comunicação”, faz a constatação de que haveriam dois tipos históricos de comunicação. O primeiro é chamado de modelo representacional e compreenderia a divisão clássica entre sujeito e objeto. O segundo (a expressão), com origem na especulação filosófica de Spinoza, seria de fundo holístico e com forte influência nos atuais desenvolvimentos científicos (com Maturana, Varela, von Foerster). Os dois modelos teriam convivido em uma “rivalidade harmônica” ao longo dos séculos. O modelo representacional foi absolutamente dominante até o século XIX, enquanto o sistema expressivo da comunicação inicia uma ‘disputa’ de concepção de mundo há cerca de cem anos, inclusive porque quase todos os representantes deste pensamento são contemporâneos.

É preciso entender o modo como se apresenta a comunicação, como se processa a informação, como a mensagem circula no sistema. A partir dessa apreensão, pode-se constituir uma diferença na prática comunicativa. Isto é, quanto melhor se entende o que faz acontecer a comunicação, melhor a qualidade da comunicação. Sim, é um projeto



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

educativo - comunicação que é criação de conhecimento e não apenas aporte de informação.

Poética vem de poiesis, grego. Significa produção, criação. É assim que se nomeia na literatura e nas artes plásticas uma maneira de fazer singular e única.

“A poética é programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda a espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte”⁵

Substituindo arte por comunicação temos o fazer, produzir, criar comunicação diferenciada e diferenciadora, através de uma outra forma de entender comunicação. Isso é uma poética da comunicação, o que nos propõe Michel Serres.

3. Os conceitos serresianos

“É preciso conceber ou imaginar como voa e se desloca Hermes, quando ele transporta as mensagens que lhe confiam os deuses – ou como viajam os anjos. E, para tanto, descrever os objetos que se situam entre as coisas já observadas, espaços de interferência (...). Esse deus ou esses anjos passam no tempo dobrado, daí surgindo milhões de conexões. A preposição ‘entre’ sempre me pareceu e continua parecendo para mim uma preposição de importância capital”⁵

Michel Serres nasceu em 1930 em Agen, França. Em 1949, entra na Faculdade Naval e depois, em 1952, na Ecole Normale Supérieure. Em 1955, obteve agregação em Filosofia, e de 1956 to 1958 serviu como oficial da Marinha em vários navios. Sua vocação para as viagens, portanto, é mais do que apenas acadêmica. Em 1968, Serres



obtem doutorado com tese na filosofia de Leibniz . Durante a década de 60 lecionou com Michel Foucault na Universidade de Clermont-Ferrand e Vincennes e depois foi apontado para a cadeira de história da ciência na Sorbonne, onde ainda leciona. Serres tem sido professor pleno na Stanford University desde 1984, e foi eleito para a Academia Francesa em 1990.

Serres tem uma vasta obra, com mais de 20 livros publicados. Pela maneira transdisciplinar que trabalha e cria seus conceitos, tem sido acusado de fazer uma “obra poética”. No entanto, nos dizeres de Joseph Brodsky, poesia é o máximo da diferença entre nós e os animais, se a linguagem é o que nos distingue deles. E se for, poesia é a finalidade da nossa espécie, a forma mais sofisticada de comunicação. Serres com seu trabalho vem contribuindo para uma reflexão filosófica da problemática da comunicação, e como diferencial, vem colocando o conceito de comunicação no centro da reflexão filosófica

Dentre os títulos de sua obra, alguns cuidaram de criar conceitos operacionais que se relacionam com o campo da comunicação. Os conceitos encontrados no “Parasita” , no “Anjos” e nos cinco volumes do “Hermes” são os objetos em que esse estudo vai se deter. São três conceitos fundamentais: de Hermes como deus da comunicação, do parasita como ruído, dos anjos como mensageiros.

3.1 Hermes

“Estranhamente: do hermético brota o potencial de uma verdadeira comunicação humana”⁷

A saga de Hermes foi produzida de 1969 a 1980. Foram cinco volumes chamados I) A Comunicação, II) A Interferência, III) A Tradução, IV) A Distribuição e V) A Passagem do Noroeste. Para todas estas obras, Serres utiliza a teoria da informação de Shannon e Weaver.



Hermes é o deus mensageiro, que traz aos homens a comunicação dos deuses. Mas é também ladrão e malandro, o inventor da lira de 9 cordas, responsável pelo início da música. É também o deus do comércio, das trocas, o inventor dos pesos e medidas, protetor das fronteiras e guia dos viajantes. É o conceito que Serres mostra tornar inseparáveis política e economia, ciência, mito e arte.

“Metáfora significa, justamente: transporte. Esse é o método de Hermes: ele exporta e importa, portanto atravessa; ele inventa e pode se enganar, devido à analogia; perigosa e mesmo, a rigor, proibida, não se conhece contudo outra via de invenção. O efeito de estranheza da mensagem provém dessa contradição, de que o transporte é a melhor e a pior das coisas, a mais clara e a mais obscura, a mais louca e a mais segura.”⁸

Serres descobre que Hermes, este personagem conceitual - como Deleuze, outro filósofo que admira chamava este tipo de operador – se adequa à tarefa que ele quer cumprir: descompartmentalizar o conhecimento, torná-lo uno e múltiplo, global e local e singular. Nos seus dizeres, “a ciência não é um conteúdo, mas um modo de circulação.”⁹

Para Serres, é preciso perceber que todas as coisas estão envolvidas num outro modo de tempo que não é o geométrico: linear-progressivo (passado, presente, futuro), ou plano. Ele cita o conceito da física contemporânea do tempo dobrado. Imagine um lenço estendido de forma plana. Você desenha uns pontos a distâncias variáveis dentro dele. Há pontos bastante distantes entre si, se você conservar o lenço esticado. Mas se você amassá-lo aleatoriamente, esses pontos distantes podem ficar colados um no outro e a distância acaba. O tempo acontece num espaço topológico e não geométrico, que permite paradas, lacunas, poços, chaminés de aceleração. O tempo se dobra e se torce.

“(…)qualquer acontecimento da história é multitemporal, remete a algo passado, contemporâneo e futuro, simultaneamente. Este objeto, esta circunstância são por conseguinte policrônicos, multitemporais, mostram um tempo estampado, multiplamente dobrado”¹⁰

Daí as passagens (as comunicações) entre as várias formas de conhecimento – ciência, religião, filosofia, arte – serem possíveis e operacionais.

Como exemplo, a Semana de Arte Moderna de 1922, teve dois protagonistas que não eram parentes – Mário e Oswald de Andrade. Antropofagia e Macunaíma são



política, economia, ciência, mito. Antes disso, muito antes, outro Andrade já tinha começado esta revolução com uma obra estranhíssima, que críticos profetizaram seria lida apenas 50 anos depois. Souzaândrade faz o Guesa Errante na segunda metade do século XIX – poema que narra a odisséia de um inca pela América Latina, até ser morto sacrificialmente em Wall Street, pelos operadores da bolsa e os banqueiros, numa língua que mescla inglês com português, sem rimas e com uma estranha composição. As idéias modernas circulando já antes na cabeça do maranhense. Uma espécie de profecia sócio-político-econômica da nossa situação. No ano em que Souzaândrade morre, nasce outro Andrade – Carlos Drummond. Toda uma família Andrade sem laços de sangue se enlaça na história multitemporal da cultura. Daí a sempre difícil pergunta de onde começa o modernismo, se é que ele existe.

“O regime das revoluções é, com certeza, apenas aparente. E se por trás delas ou abaixo desses cortes corressem, percolassem – fluxos lentos e viscosos?(...)Os terremotos descontínuos resultam de rompimentos bruscos, não longe das falhas reconhecidas(...)mas embaixo, movimentos de deslizamentos contínuos, extraordinariamente lentos, explicam esses rompimentos súbitos(...) e mais embaixo ainda desses movimentos contínuos, arrastados e tranquilos, mas inexoráveis, um núcleo de calor mantém ou carrega os tapetes rolantes.”¹¹

O personagem conceitual Hermes faz ver que a comunicação é um processo humano essencial para produzir o novo nas hibridações que essas passagens e velocidades entre os lugares/estratos de conhecimento provocam. Para a comunicação social, obriga a buscar outras maneiras de comunicar informação com sabor – que é sapiência ou conhecimento, e perceber o que subjaz a cada fato, não apenas produzir a informação insípida do ‘infoteinment’ contemporâneo.

3.2 O Parasita

“O Parasita” foi lançado em 1980. Serres, que estava usando a teoria da informação no “Hermes”, transversaliza a maneira como estava trabalhando com ela e inventa outro personagem conceitual - o Parasita - que no francês significa múltiplas coisas: o parasita social, o parasita biológico e a estática ou o ruído que interfere num sinal.



Para Serres é impossível se livrar do Parasita, nós precisamos dele. O ruído constitui o terceiro elemento na troca comunicacional entre emissor e receptor. Só existe sinal se houver ruído, como só existe figura se houver um fundo.

“Se existe um fundo das coisas e do mundo, é o barulho de fundo. Uma ordem, uma forma quaisquer são, inversamente, pouco prováveis. A velha distinção do fundo e da forma, tão pouco pertinente nos domínios em que fora aplicada, reaparece aqui sob a definição precisa do ruído e da informação, da desordem e da ordem, do provável e do improvável.”¹²

O ‘parasita’ está sempre ao lado de nossas relações, daí o prefixo ‘para’: sempre pronto a interceptar, a levar a relação em outra direção. Ele se torna a própria relação. Ele inventa algo novo, uma nova forma de complexidade. Michel Serres aponta três operações que o parasita desenvolve no sistema – análise, paralisia e catálise. Na primeira, o parasita está separado das estações, interceptando mensagens. Este é o movimento analítico tradicional – observar sem ser observado. Mas essa operação causa uma interrupção no sistema, suas funções são perturbadas. É uma paralisia temporária. Então acontece uma mudança, um nível diferente de funcionamento, de relação. O parasita cataliza essa mudança. O sistema funciona porque não funciona.

“Systems work because they do not work(...) Given, two stations and a channel. They exchange messages. If the relation succeeds, it is perfect, optimum, and immediate; it disappears as a relation(...) That’s what the parasite is. The channel carries the flow, but it cannot disappear as a channel, and it breaks the flow, more or less(...) There are channels, and thus there must be noise. No channel without noise.”¹³

Para Serres, o parasita tem uma função positiva, que é constituir o sistema e provocar mudança. Eco em sua “Obra Aberta” afirma que a comunicação usual reduz a informação, porque o que interessa verdadeiramente são as possibilidades da linguagem no equívoco (ruído) do texto. A obra aberta é poiesis: máquina de informação. Uma poética funciona no limite do caos, como se fosse o caos joyceano, criando a partir desse ruído de fundo - talvez uma reverberação do big-bang ou nosso músculo cardíaco soando.



3.3. Anjos

*“anjos sobre Berlim
o mundo desde o fim
e no entanto era um
sim e foi e era e é
e será sim” Caetano
Veloso¹⁴*

A “Lenda dos Anjos”, publicado aqui em 1993, é classificado como um *ensaio sobre a comunicação*. Numa entrevista, Serres afirma que sua obra está ligada às transformações na história do trabalho: a era dos "carregadores", na revolução agrícola, representada por Atlas e Hércules; a era dos "transformadores", na revolução industrial, representada por Vulcano e Prometeu; e, na revolução informacional (e de uma revolução "pedagógica", em grande parte por se realizar), a era dos "mensageiros", anunciada por Hermes e pelos anjos que povoam as três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo, islamismo).

“Os anjos são as mensagens, seu corpo é uma mensagem. Mas o que opõe os anjos a Hermes é sobretudo sua multiplicidade, sua névoa, seus turbilhões(...) Imagino que acada anjo corresponda uma preposição. Mas uma preposição não transporta mensagens, ela indica um conjunto de caminhos possíveis, no espaço ou no tempo.”¹⁵

Esta era é a da informação ou "comunicacional", mas alguma coisa aconteceu e o que se vê é a proliferação de informação anódina.

“(...)A comunicação não é o falar, é o fazer-falar. A informação não é o saber, é o fazer-saber. O verbo 'fazer' indica que se trata de uma operação, não de uma ação...a ação em si tem menos importância do que o fato de ser ela produzida, induzida, solicitada, mediatizada, tecnicizada...Dessa compulsão operacional decorre o paradoxo operacional: não apenas não se trata de fazer-valer, mas o melhor ainda é nada valer para melhor fazer-valer - nada saber para melhor fazer-saber(...)- nada ter que dizer para melhor comunicar(...)- para que algo transite melhor e mais depressa, é preciso que o conteúdo esteja no



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

limite da transparência e da insignificância(...)A boa comunicação, isto é, o que hoje fundamenta a boa sociedade...passa pelo aniquilamento de seu conteúdo.”¹⁶

Perceber como se tornar anjo modifica a comunicação pode significar uma experiência única de desopressão intelectual e libertação criativa. E esta criação, produção - poética da comunicação, é fundamental para confrontar certos desafios contemporâneos. A amplitude que o conceito ganha, levando a comunicação para a ecosofia - segundo Felix Guattari, a relação entre a ecologia ambiental, social e cultural - faz dela o fio condutor de todo conhecimento. Mas vê-se logo que é outra comunicação.

“um espaço atravessado por mensagens, o que existe de mais luminoso? Olhe o céu aqui mesmo acima de nós, atravessado por aviões, satélites artificiais, ondas eletromagnéticas, televisão, rádio, fax, correio eletrônico. O mundo no qual nos banhamos é um espaço-tempo da comunicação. Por que não falaria de espaço dos anjos, já que esta expressão significa os mensageiros, os conjuntos de fatores, de transmissões prestes a passar, ou os espaços dos passes?”¹⁷

Michel Serres afirma que quando se escreve sobre comunicação, é preciso ter coragem de chegar até o fim. E declara, sem pieguice nem pudor, que a verdadeira comunicação entre os homens é o amor.



Notas

1. SERRES, Michel Luzes São Paulo Unimarco 1999 pg 160
2. _____ idem, pg 62
3. _____ ibidem, pg.40
4. **FRANÇA, Vera Veiga Paradigmas da Comunicação : conhecer o quê?**
www.uff.br/mest.cii/re.htm *Revista Ciberlegenda 5 Artigos produzidos a partir de trabalhos apresentados na COMPÓS de 2001, realizada em Brasília, no GT Epistemologia da Comunicação.*
5. PAREYSON, Luigi Os problemas da estética São Paulo Martins Fontes, 1997 pg11
6. **SERRES, Michel Luzes São Paulo Unimarco 1999 pg 88**
7. **KOTHE, Flavio Hermetismo e Hermenêutica RJ Tempo Brasileiro 1980 pg**
8. **SERRES, Michel Luzes São Paulo Unimarco 1999 pg. 90**
9. _____ idem, pg 138
10. _____ ibidem, pg. 82
11. _____ ibidem, pg. 181,182
12. SERRES, Michel Hermes uma filosofia das ciências RJ Graal 1990 pg. 159
13. _____ Parasite pg. 79 in Steven D. Brown Parasite Logic pg. 6
<http://devpsy.lboro.ac.uk/psygroup/sb/parasite.htm>
14. SERRES, Michel Luzes São Paulo Unimarco 1999 pg 156
15. VELOSO, Caetano CD Estrangeiro Polygram 1989 faixa Outros Românticos
16. BAUDRILLARD, Jean A Transparência do Mal Campinas/SP Papyrus 1990 pg 54,56
17. SERRES, Michel Luzes São Paulo Unimarco 1999 pg.157



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Bibliografia

1. BAUDRILLARD, Jean A *Transparência do Mal* Campinas/SP Papyrus 1990
2. BROWN, Steven D. *Parasite Logic*
<http://devpsy.lboro.ac.uk/psygroup/sb/parasite.htm>
3. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix *O Que é Filosofia?* Rio de Janeiro 34 1994
4. KOTHE, Flávio R. *Hermetismo e Hermenêutica, Paul Celan Poemas II* Tempo Brasileiro Rio de Janeiro 1985
5. MATTELART, Armand e Michèle *História das Teorias da Comunicação* São Paulo 1999
6. SERRES, Michel *Filosofia Mestiça* Rio de Janeiro Bertrand Brasil 1994
7. _____ *Hermes, uma filosofia das ciências* Rio de Janeiro Graal 1990
8. _____ *Luzes, Cinco entrevistas com Bruno Latour* São Paulo Unimarco 1999



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

9. _____ *Os Cinco Sentidos* Rio de Janeiro Bertrand Brasil 2001
10. _____ *The Origin of Language: Biology, Information Theory & Thermodynamics* de Hermes; Literature, Science, Philosophy John Hopkins Univ Press 1998
11. Sfez, Lucien *Crítica da Comunicação* São Paulo Loyola 1994